

Menor diz que não pôs fogo em Galdino

No dia em que foram ouvidas testemunhas da acusação, G.N.A. muda versão do crime e confirma depoimento dos quatro maiores

Ana Delmonte e Cristine Gentil
Da equipe do Correio

Cabeças baixas, olhares perdidos e visíveis sinais de tensão. Assim apresentaram-se ontem pela segunda vez ao Tribunal do Júri do Distrito Federal os quatro acusados pela morte do índio pataxó Galdino Jesus dos Santos. Ao contrário da semana passada, quando contaram sua versão do crime, dessa vez ficaram em silêncio. Max Rogério Alves, 20 anos, Eron Chaves de Oliveira, 19, Antônio Novely Vilanova, 19, e Tomás Oliveira de Almeida, 18, ouviram os depoimentos das oito testemunhas da acusação, entre elas o menor G.N.A., de 17 anos, que acompanhava os quatro na madrugada do dia 20 de abril.

Já condenado a três anos de internação no Centro de Atendimento Juvenil Especializado (Caje), G.N.A. protagonizou um festival de contradições em relação a seu depoimento prestado no dia do crime. Numa versão semelhante à apresentada pelos quatro acusados na semana passada, G.N.A. contou que a intenção dos rapazes era apenas reproduzir uma das "pegadinhas" que um dos rapazes assistiu na televisão.

"Começou uma conversa dentro do carro sobre as 'pegadinhas'. Nesse momento, vimos uma pessoa dormindo na parada. A idéia era dar um susto", contou em juízo. No entanto, G.N.A. não soube dizer de quem foi a idéia, quem pagou pelo álcool ou quem riscou o fósforo que incendiou Galdino. Apenas tinha certeza de que foi excluído da brincadeira por ser o menor e mais frágil. "Eles acharam melhor eu ficar de fora porque quando acordasse com o fogo, a pessoa sairia correndo atrás da gente".

CHAVEIRO

Em seu depoimento à polícia, o menor sequer cita o diálogo das "pegadinhas" e conta que a idéia da "brincadeira" surgiu depois de verem Galdino dormindo no ponto de ônibus. "Não falei das 'pegadinhas' porque o delegado não perguntou", justificou G.N.A.. Nos depoimentos prestados à polícia, nenhum dos cinco rapazes que participaram do crime citou a influência das brincadeiras veiculadas na televisão.

As duas únicas testemunhas que reconheceram parte dos envolvidos na cena do crime também prestaram depoimento. O chaveiro Nairo Euclides Santos Magalhães voltou a reconhecer Eron como o rapaz que cruzou a frente de seu carro enquanto o índio ardia em chamas na parada de ônibus. Nairo passava pela W2 Sul

com a namorada, a menor Tatiana Parreiras, na hora em que os rapazes entravam no carro para fugir. Tatiana ainda reconheceu Tomás como um dos dois que estavam no banco traseiro do Monza.

Segundo a promotora Maria José Miranda Pereira, Tatiana vem recebendo ameaças de morte, mas a menor confirmou apenas telefonemas nos quais o interlocutor permanece mudo na linha. Os telefonemas assustaram a mãe da adolescente, que providenciou um bina (aparelho que localiza a origem das ligações). Desde então, as ligações cessaram.

Além de Tatiana, Nairo e G.N.A., foram ouvidos Evandro Pertence, Adriando Gomes da Silveira — que ajudaram no socorro a Galdino —, os policiais militares Renato Emery e Rojas Rodrigues e a delegada Titular da Delegacia da Infância e da Adolescência, Suzana Machado.

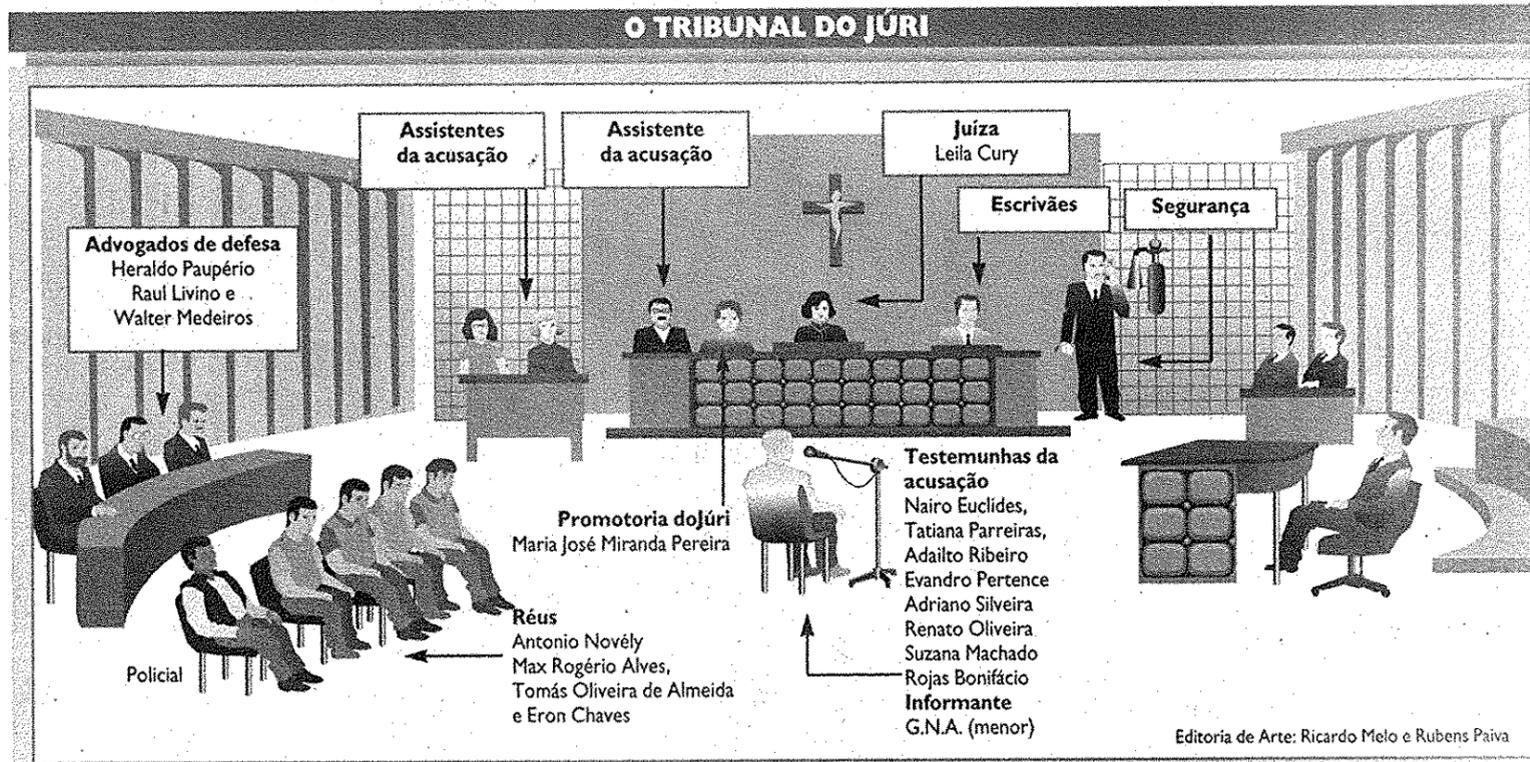
Para a defesa, os depoimentos foram favoráveis e apenas confirmaram a versão apresentada pelos quatro acusados na semana passada. Tanto o policial Rojas Rodrigues quanto Nairo admitiram ter visto duas garrafas de plástico na parada de ônibus, uma parcialmente queimada próximo ao banco onde Galdino foi incendiado e outra praticamente intacta no chão. Isso reforça o depoimento dos acusados na semana passada, que disseram ter usado apenas uma das duas garrafas de álcool adquiridas no posto de gasolina para botar em prática a "brincadeira".

DOENÇA MENTAL

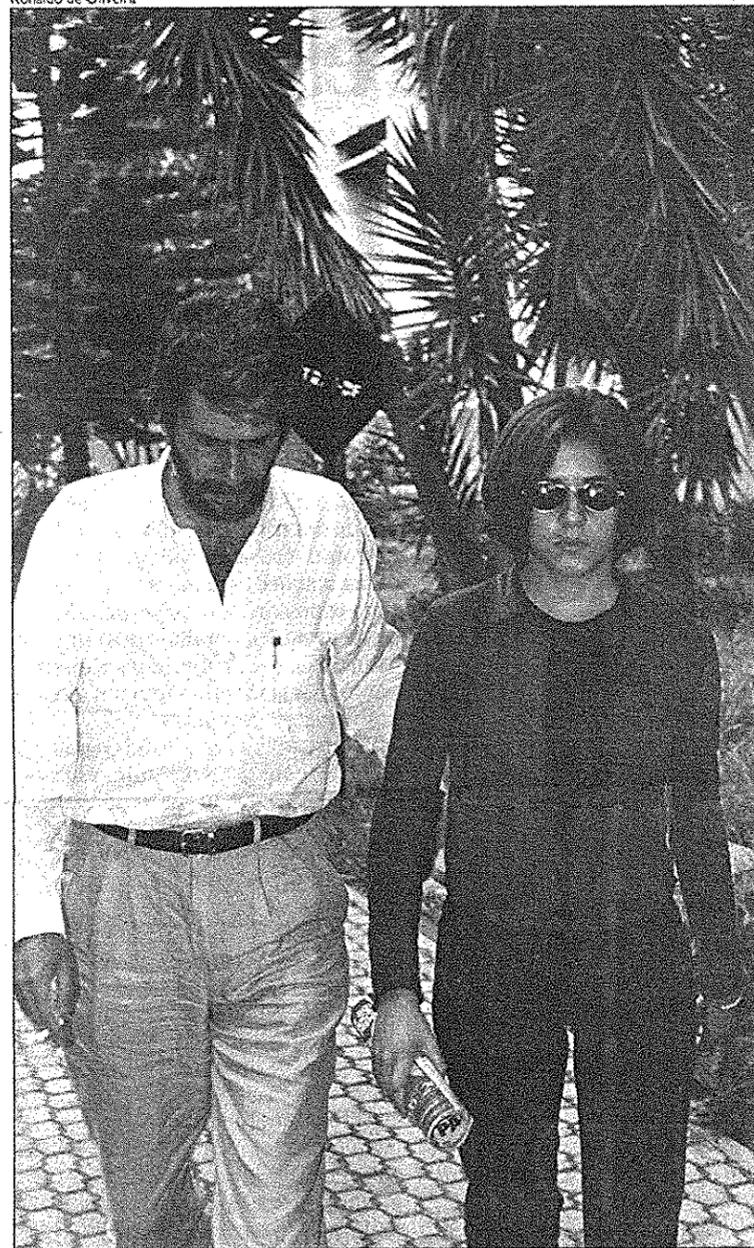
Dois dos advogados de defesa entraram na noite de terça-feira com um pedido de exame para atestar a saúde mental dos acusados. Segundo Raul Livino, a intenção é provar que nenhum dos acusados pensou que a "brincadeira" poderia resultar na morte do índio.

Como argumentos para reforçar a sua tese, o advogado quer usar a influência das pegadinhas e da "degradação dos valores da sociedade". "Queremos convencer a juíza de que houve lesão corporal seguida de morte e não homicídio triplamente qualificado como quer a promotora". Com a alegação da defesa, os acusados pegariam uma pena de quatro a 12 anos. Pelo homicídio triplamente qualificado, a pena poderia chegar a 30 anos.

Para a promotora Maria José Pereira, o pedido de avaliação mental dos acusados não passa de um artifício para atrasar o processo. "A defesa não tem argumentos". Na sexta-feira da semana que vem, a promotora ouve as 32 testemunhas de defesa.



Ronaldo de Oliveira



Tatiana, testemunha da acusação, está recebendo ligações misteriosas

AS CONTRADIÇÕES DO MENOR

NA DELEGACIA (21.4)

Antes do crime, os cinco rapazes foram para a lanchonete Sky's, na 312 Sul, no mesmo Monza utilizado durante crime. O carro era da mãe de Max Rogério.

Depois de lanchar, passavam pela W3 Sul quando, na altura da 703, avistaram o suposto mendigo dormindo no ponto de ônibus. Foi quando tiveram a idéia de assustar a pessoa. Em seguida, compraram o álcool.

Eron derramou o álcool sobre as pernas de Galdino e Max Rogério e Antônio Novely riscaram os fósforos que transformaram o índio numa tocha humana.

NO TRIBUNAL (ontem)

O menor chegou à lanchonete no Gol de Eron. Seu irmão Tomaz também estava no carro. Somente depois de deixar a lanchonete, os cinco rapazes pegaram o Monza utilizado no crime.

Enquanto passeavam pela W3 de madrugada, conversavam sobre uma "pegadinha". O menor não sabe de quem foi a idéia, mas resolveram fazer "brincadeira" semelhante à da televisão. Galdino foi incendiado por volta de 5h00.

Eron derramou o álcool ao lado do banco onde dormia Galdino. Como estava vigiando se passava algum carro, o menor não viu quem riscou o fósforo.

Um lamento solitário

O testemunho do advogado Evandro Pertence foi interrompido por um choro sonoro e solitário vindo das cadeiras do Tribunal do Júri. O pataxó Araribóia Matos de Souza era o único índio a presenciar ontem o depoimento das oito testemunhas de acusação dos quatro rapazes responsáveis pela morte de seu primo, o índio Galdino.

"Vocês me pagam, vocês me pagam", gritava, num protesto solitário interrompido pelos seguranças do tribunal. Foi um dos únicos momentos em que Max Rogério, Antônio Novely, Eron e Tomaz olharam na direção de quem assistia aos depoimentos.

DESCONTROLADO

Mesmo do lado de fora, Araribóia continuou a lamentar a morte do primo. Apesar de ser um pataxó, há muito tempo não convive mais com sua tribo. Ele mora há 15 anos com sua mulher, Antônia Maria, no Recanto das Emas. Atualmente, está desempregado, mas já chegou a trabalhar na Assessoria de Comunicação do Ministério da Cultura.

Antônia lembra que ela e o marido chegaram a conversar com Galdino no dia de sua morte e que, desde então, Araribóia está inconformado. "Tentei impedir que ele viesse aqui hoje. Ele está descontrolado", justificou a esposa. Araribóia foi proibido de retornar ao Tribunal